



Apoio:



Realização:



15º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

12 a 14 de AGOSTO de 2025



Incidência e Caracterização da Colestase em Pequenos Animais: Estudo Retrospectivo

Autor(es)

Paola Francini Favero
Hallif Lohn Klaumann

Categoria do Trabalho

Iniciação Científica

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE SÃO JOSÉ

Introdução

A vesícula biliar é um órgão em forma de pêra situada no fígado e tem como função o armazenamento da bile para liberação no duodeno. A bile é sintetizada nos hepatócitos e é responsável pela emulsificação da gordura, auxilia na absorção de ácidos graxos e vitaminas lipossolúveis. Dentre as formas de diagnóstico, o ultrassom é o exame mais utilizado para avaliar o sistema biliar. Os sinais clínicos, em geral, são êmese, depressão, perda de peso, febre, desidratação, dores abdominais, icterícia, diarreia, fezes acólicas. As alterações da VB podem estar relacionadas a endocrinopatias, hiperlipidemia, alterações na motilidade ou nas funções de absorção da VB, e comprometimento na produção de mucina. Dentre as alterações da VB as principais são colelitíase, colecistite e mucocele. A colestase, que é a redução do fluxo biliar, está fortemente relacionada com essas alterações, podendo representar o estágio inicial de alguma afecção ou representar um sinal de uma afecção já instalada.

Objetivo

Este trabalho teve como objetivo analisar a ocorrência da colestase em cães e gatos atendidos na clínica escola da Faculdade Anhanguera de São José, por meio da avaliação de exames ultrassonográficos, buscando caracterizar os pacientes acometidos quanto à espécie, raça, idade, sexo, peso e escore corporal.

Material e Métodos

Para realização da pesquisa foi realizado o embasamento teórico através de pesquisa e compilação de dados obtidos de artigos, relatos de casos e revisões bibliográficas provenientes do Google Acadêmico.

Em seguida, foram coletados e analisados dados provenientes das consultas ultrassonográficas realizadas na clínica escola da Faculdade Anhanguera de São José, Santa Catarina, no período de fevereiro de 2024 a março de 2025. As informações foram avaliadas e categorizadas de acordo com idade, peso, raça, sexo e espécie.

Para esta pesquisa foram analisados dados de 147 laudos ultrassonográficos de espécies canina e felina, onde em 71 dos casos apresentaram alterações hepáticas, sendo que houve presença de colestase/estase biliar em 48 desses casos, representando 32,65% de todos os laudos ultrassonográficos e 67,60% dos casos hepáticos.

Resultados e Discussão

Distribuição igual entre os sexos, indicando ausência de predisposição sexual. Silva (2022) e Da Silveira Prestes



Apoio:



Realização:



15º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

12 a 14 de AGOSTO de 2025



(2020) relatam ausência de tendência sexual em casos de mucocele e colecistite. Todos os casos observados foram da espécie canina, os dados da literatura indicam maior incidência de mucocele e colelitíase em cães (Martins, 2016 apud Perissato, 2019; Mattos, 2024). Cães SRD foram os mais acometidos (43,75%). Estudos apontam predisposição em Pastor de Shetland, Cocker Spaniel e Spitz Alemão (Center, 2009; Malek et al., 2013; Nagao et al., 2023). O peso médio foi 10,78 kg, e 45% apresentavam sobre peso ou obesidade. Este fator está associado à dismotilidade da vesícula biliar, favorecendo a estase biliar e a formação de mucocele (Smalle et al., 2015 apud Silva, 2023). A faixa etária média foi de 10,54 anos, o que reforça a literatura que associa alterações hepatobiliares à idade avançada (Chebli et al., 2000; Kilpatrick et al., 2017).

Conclusão

Foi possível concluir que a colestase se trata de uma alteração de grande importância clínica, estando presente em uma grande parcela dos atendidos clínicos. Os dados apontam para uma predisposição de cães SRD, idosos e com sobre peso, ressaltando os cuidados que devem ser tomados com esses pacientes. O estudo também demonstra a importância do ultrassom para o diagnóstico de doenças hepatobiliáres, reforçam a necessidade de atenção ao sistema biliar mesmo em exames de rotina.

Agência de Fomento

FUNADESP-Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular

Referências

- ALLAN, F.; WATSON, P. J.; MCCALLUM, K. E. Características clínicas e desfechos em 38 cães com colelitíase. *J. Vet. Intern. Med.*, v. 35, n. 6, p. 2730-2742, 2021.
- CENTER, S. A. Doenças da vesícula biliar e da árvore biliar. *Clín. Vet.: Pequenos Animais*, v. 39, n. 3, p. 543-598, 2009.
- DA SILVA, V. S.; BARROSO, J. P. M.; TEIXEIRA, P. P. M. Atualizações das afecções da vesícula biliar em cães. *Nucleus Animalium*, v. 14, n. 1, 2022.
- DA SILVEIRA PRESTES, R. et al. Análises comparativas entre exames ultrassonográfico e histopatológico da vesícula biliar em cães. 2020.
- MATTOS, F. P. Colecistectomia em afecções da vesícula biliar em cães e gatos. 2024.
- PERISSATO, D. V. Colecistectomia convencional em felino com colecistite crônica. *Arq. Bras. Med. Vet. FAG*, v. 2, n. 2, 2019.
- SMALLE, B. et al. apud SILVA, E. A. Mucocele da vesícula biliar em cães. 2023.
- CHEBLI, J. M. F. et al. apud DA SILVEIRA PRESTES, R. Idade e alterações hepatobiliares em cães. 2020.